

«DEIXAR MARCAS NA HISTÓRIA DO MUNDO»

7. O carisma

por Luigi Giussani*

Dificuldades e medos caracterizaram este mês, não só para quem ainda é obrigado a ter aulas à distância, mas também para quem pôde voltar à escola. A “normalidade” agora já é uma lembrança vaga. Para vivermos essas dificuldades que assolam a personalidade, a psicologia, a afetividade e a mente de cada um, revelam-se insuficientes muitos bons conselhos, muitos imperativos morais, muitas verdades abstratas que nos são constantemente repetidas, até por nós mesmos para nos convencermos, mas com quase nenhum sucesso.

É preciso haver um temperamento específico, uma mentalidade, uma psicologia e uma afetividade que nos persuadam no íntimo de nós mesmos, estabelecendo uma afinidade, uma comunhão e uma imediatez que permitam que enfrentemos a dificuldade de cada dia, tornando mais familiar e envolvente a nossa relação com Cristo. Isto é o carisma: uma forma com que Deus escolheu alcançar-nos para dizer-nos que Ele existe e quer estar conosco. Como é que nós fizemos experiência disso neste período em que somos obrigados a ir até o coração das coisas?

Para nos ajudar, propomos a continuação do trabalho até o final do mês de fevereiro sobre o segundo capítulo, ponto 9. “A forma persuasiva com que o Espírito Santo intervém na história: o carisma” (pp. 115-123), do livro de L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019.

Lembramos que é possível mandar perguntas e testemunhos no site:
<http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>
na seção «Scuola di Comunità».

9. A FORMA PERSUASIVA COM QUE O ESPÍRITO SANTO INTERVÉM NA HISTÓRIA: O CARISMA

É o dom do Espírito Santo que fixa e determina para cada um de nós, na Igreja, o dado concreto de uma morada, de uma companhia humana, para tornar mais persuasivo o caminho até o Destino.¹⁴⁴ Esse dom da caridade de Deus torna a fé possível, torna possível a consciência da presença do que começou como Fato na história há dois mil anos.

Efetivamente, o Acontecimento dá-se hoje numa determinada forma de tempo e de espaço, que habilita a uma certa maneira de encará-lo e o torna mais compreensível, mais persuasivo e mais pedagógico. Essa característica da intervenção do Espírito de Cristo, que provoca »

¹⁴⁴ Cf. L. Giussani, “Comunione e Liberazione: un metodo esemplificativo di educazione ed una antropologia cristiana”. In: *Alla ricerca del volto umano. Contributo ad una antropologia*. Milão: Jaca Book, 1984, pp. 87-103.

* Do volume L. Giussani - S. Alberto - J. Prades
Deixar marcas na história do mundo,
São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, pp. 115-123.

» existencialmente o Acontecimento dentro de um tempo e de um espaço, chama-se “carisma”. Para que a Igreja, constituída de todos os homens que Cristo tomou e incorporou a Si no Batismo, seja uma realidade operativamente eficaz no mundo, é preciso que os homens tomem consciência do que ocorreu, do encontro que Cristo teve com eles, e se tornem operativos a partir dessa consciência.

O cardeal Ratzinger observou que “a fé é uma obediência de coração àquela forma de ensinamento à qual nós fomos consignados”.¹⁴⁵ Em Sua imaginação infinita, em Sua liberdade e em Sua mobilidade infinitas, o Espírito de Deus pode dar origem a mil carismas, a mil maneiras de se comunicar aos homens em Cristo.¹⁴⁶ O carisma representa justamente a modalidade de tempo, de espaço, de caráter, de temperamento, a modalidade psicológica, afetiva, intelectual com que o Senhor se torna acontecimento para mim e, do mesmo modo, para outros. Esse modo, a partir de mim, comunica-se a outros, de forma que há entre mim e *estes* uma afinidade que não há com todas as outras pessoas, um vínculo de fraternidade mais forte, mais específico. É dessa forma que Cristo continua presente entre nós todos os dias, até o fim do mundo,¹⁴⁷ dentro das circunstâncias históricas que o mistério do Pai estabelece e por meio das quais nos faz reconhecer e amar a Sua presença.¹⁴⁸

O fenômeno dos Movimentos na Igreja, de todos os Movimentos na Igreja, é – como observava João Paulo II – a autoconsciência que se reinstaura no âmbito da própria Igreja.¹⁴⁹ De fato, tal como a humanidade tem vida dentro de cada casa que o amor anima e adorna, que o sopro desse amor aquece todos os dias, da mesma forma os Movimentos fazem da Igreja uma casa viva, vivente, calorosa, cheia de luz e de palavra, de afetividade, de explicação, de resposta. Os Movimentos são as unidades de companhia criadas pelos carismas, por esses dons oferecidos pelo Espírito a quem Ele escolhe, não por causa do valor das pessoas, mas para que se cumpra o Seu desígnio, o grande desígnio que o Pai tem para o mundo, o desígnio que tem um nome histórico: Jesus Cristo.

O Espírito do Senhor escolhe temperamentos dotados de características mais vivas de comprometimento, de comoção e de comunicação da própria experiência aos outros. O carisma, portanto, torna a Igreja viva e existe em função da totalidade da vida eclesial. Qualquer carisma, graças a sua identidade específica, está aberto por natureza ao reconhecimento de todos os outros carismas. Cada uma das formas históricas que o Espírito utiliza para os homens entrarem em relação com o Acontecimento de Cristo é sempre um “aspecto particular”, uma forma particular de tempo e espaço, de temperamento, de caráter. Mas é um aspecto particular que habilita à totalidade. O carisma existe em vista da criação de um povo completo, ou seja, totalizante e católico. Como veremos mais adiante, totalizante e católico são as fronteiras últimas da ideia de povo.

Para utilizar uma imagem, poderíamos dizer que o carisma é como uma janela através da qual se vê todo o espaço. A confirmação de que um carisma é verdadeiro é que abre a tudo, não fecha. Por isso, estaria errado quem dissesse: “Estamos aqui para construir o nosso Movimento, não a Igreja”. Em vez disso, é preciso dizer: “Estamos aqui para construir a Igreja segundo o impulso que o Espírito nos deu e ao qual chamamos Movimento, obedecendo, ou seja, ouvindo e aderindo à obra do Espírito de Cristo, que a autoridade da Igreja assume como própria”.

¹⁴⁵ J. Ratzinger, Da fala de apresentação do Catecismo da Igreja Católica. In: *L'Osservatore Romano*, 20 de janeiro de 1993, p. 5.

¹⁴⁶ Cf. Jo 3,8.

¹⁴⁷ Cf. Mt 28,20.

¹⁴⁸ Cf. L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., pp. 329-333.

¹⁴⁹ Cf. João Paulo II, “Siate i maestri della cultura cristiana”, discurso aos sacerdotes de Comunhão e Libertação. Castelgandolfo, 12 de setembro de 1985. Cf. também João Paulo II, “L'importanza dei carismi nella Chiesa”, encontro com os movimentos eclesiais e as novas comunidades. Roma, 30 de maio de 1998.

» A questão do carisma é decisiva, pois é o fator que facilita existencialmente que pertençamos a Cristo, ou seja, é a evidência do Acontecimento presente hoje, no preciso momento em que nos move. Nesse sentido, o carisma introduz à totalidade do dogma. Se o carisma é a forma como o Espírito de Cristo nos faz perceber sua Presença excepcional e nos dá a capacidade de aderir a essa Presença com simplicidade e amor, é vivendo o carisma que se esclarece o conteúdo objetivo do dogma. Não aprendemos os dogmas, e estes, sobretudo, não incidem existencialmente na vida, se simplesmente os estudamos de modo abstrato. Os dogmas aprendem-se e vivem-se no encontro e no seguimento da vida da Igreja, em conformidade com a ênfase educativamente persuasiva e existencialmente fascinante do carisma. O carisma, portanto, é a forma como o Espírito facilita e torna mais consciente e frutuosa a percepção do dogma, a percepção do conteúdo total do Acontecimento.

Na Igreja, que nasceu do Espírito de Cristo morto e ressuscitado, tudo é carisma, ontologicamente. O primeiro carisma é a Instituição, porque esta é o instrumento da presença do Espírito de Cristo, que age e se comunica no Magistério e nos Sacramentos. Mas, para que o Magistério e os Sacramentos não sejam entendidos como partes isoladas da unidade e da totalidade da experiência cristã, ou seja, reduzidos à medida individualista de cada um, é preciso que sejam vividos segundo a lógica e a dinâmica da comunhão, que é a própria natureza da Igreja. Sendo assim, esses carismas substanciais, institucionais, são percebidos enquanto tais graças à existencialidade do carisma particular, concedido pelo Espírito em função da totalidade da experiência eclesial.

Essa dinâmica é ainda a resposta a uma tentação particularmente difundida na Igreja de hoje, que leva o envolvimento do povo de Deus na missão da Igreja, particularmente dos leigos, a ser visto como participação, democraticamente entendida, num “poder” concebido de maneira redutiva, segundo categorias mundanas.

É decisiva, nesse contexto, a questão da relação entre carisma e instituição; esta evidencia que os dois termos não são extrínsecos um ao outro.¹⁵⁰ Todo carisma regenera a Igreja em qualquer lugar, regenera a instituição em qualquer lugar, obedecendo em última instância ao que é a garantia do próprio carisma particular: a Graça, o Sacramento, o Magistério. Se o carisma particular é o terminal mediante o qual é veiculado o Espírito de Cristo, e mediante o qual se torna possível hoje o reconhecimento de Seu Acontecimento, o carisma da instituição é o que é por ser o âmbito de vida desse terminal. Negar a novidade do carisma particular significa sufocar a vitalidade da instituição. Além do mais, a razão de ser do carisma particular só se justifica em relação à totalidade. João Paulo II exprime a natureza da relação entre carisma e instituição em termos de *coessencialidade*: “Na Igreja, tanto o aspecto institucional quanto o carismático [...] são coessenciais e concorrem para a vida, para a renovação, para a santificação, muito embora de diferentes modos, e sempre de maneira tal que haja um intercâmbio, uma comunhão de parte a parte”.¹⁵¹

Um carisma na prática: a responsabilidade de cada um

“Um exemplo comovente dessa paternidade da Instituição, relacionado com a história do movimento de Comunhão e Libertação, é a figura de Paulo VI. A primeira vez que ele me chamou, quando ainda era Arcebispo de Milão, foi para me fazer algumas observações. Nessa ocasião, ele me disse: ‘Eu não entendo bem suas ideias e seus métodos, mas vejo seus frutos, e digo-lhe: vá em frente’. Anos mais tarde, em 1975, quando estivemos em Roma, »

¹⁵⁰ Cf. João Paulo II, “Siate i maestri della cultura cristiana”, op. cit.

¹⁵¹ Cf. João Paulo II, “Diffondere la gioia dell’incontro con Cristo”, discurso aos participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos. Rocca di Papa, 14 de maio de 1992. Cf. também João Paulo II, “L’importanza dei carismi nella Chiesa”, op. cit.

» num grupo de dezessete mil pessoas, ele me chamou na porta de São Pedro, no final da Missa, e a primeira frase que me disse foi: ‘Dom Giussani, este é o caminho: vá em frente assim’. Exatamente como da primeira vez.’¹⁵²

Nós temos de crescer, amadurecer e agir no mundo segundo a “forma de ensinamento” particular com que o Senhor quis vir ao nosso encontro. Devemo-nos lembrar sempre dos dois polos da relação que, no acontecimento criado por Deus, se realiza entre nós e Ele. De um lado, Ele nos leva a entrar no grande povo do Corpo misterioso da Igreja, o herdeiro de seu povo predileto; de outro, toca-nos segundo uma determinada originalidade assumida pelo Espírito, segundo uma certa forma, segundo um certo carisma. Quanto mais fiéis somos ao nosso carisma, quanto mais fiéis somos, por assim dizer, à nossa personalidade investida do Espírito, à fisionomia pessoal que Deus nos deu na medida em que se consome em Seu eterno desígnio, tanto melhor vivemos o povo inteiro da Igreja. Subtraímo-nos à “forma de ensinamento à qual fomos consignados” é o primeiro passo para o cansaço, o tédio, a confusão, a distração e até o desespero.

Mas nessa grande companhia em que Deus nos inseriu com seu acontecimento não estão os melhores dos homens. “Não somos melhores que nossos pais”, dizia um canto de padre Cocagnac.¹⁵³ Por mais que Deus possa extrair filhos de Abraão das pedras,¹⁵⁴ não são os melhores dos homens que participam desta companhia; justamente por isso, o que fica evidente é o milagre da comunicação do Senhor ocorrido dentro da nossa vida. Não somos melhores que os outros. São Paulo recorda-o muito bem, na Primeira Carta aos Coríntios: “Irmãos, vede vossa vocação: não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos nem muitos de família nobre. [...] O que para o mundo é fraqueza, Deus o escolheu para envergonhar aquilo que é forte. O que para o mundo é sem prestígio e desprezível, Deus o escolheu, aquilo que é nada, para anular aquilo que é. Assim ninguém poderá gloriar-se diante de Deus. Dele sois em Cristo Jesus, o qual se tornou para nós, da parte de Deus, sabedoria, justiça, santificação e redenção para que, como está escrito, quem se gloria, no Senhor se glorie”.¹⁵⁵ Fracos e desprezíveis, é assim que nós somos. No entanto, podemos nos gloriar no Senhor, não por mérito nosso, mas d’Ele. Por isso, guardemos bem o que diz São Tiago: “Falai e procedei, pois, como pessoas que vão ser julgadas pela lei da liberdade. Pensai bem: o julgamento vai ser sem misericórdia para quem não praticou misericórdia. A misericórdia, porém, triunfa sobre o julgamento”.¹⁵⁶

A essência do carisma de Comunhão e Libertação pode ser resumida no anúncio, cheio de entusiasmo e surpresa, de que Deus se fez homem e de que esse Homem está presente num “sinal” de concórdia, de comunhão, de comunidade, de unidade de povo: só no Deus que se fez homem, só na Sua presença e, portanto, só por meio – de algum modo – da forma da Sua presença, o homem pode ser homem e a humanidade pode ser humana. Está aqui a fonte da moralidade e da missão.

Cada um de nós é responsável pelo carisma que encontrou. Cada um de nós é causa de declínio ou de incremento do carisma, é um terreno em que o carisma é desperdiçado ou dá fruto. A tomada de consciência da responsabilidade por parte de cada um de nós é algo extremamente sério, tanto em termos da sua urgência quanto em termos de lealdade e de fidelidade. Obscurecer ou diminuir essa responsabilidade significa obscurecer e diminuir uma intensidade de incidência que a história de nosso carisma tem na Igreja de Deus e na sociedade. »

¹⁵² Cf. L. Giussani, “O ‘poder’ do leigo, isto é, do cristão. Entrevista a Angelo Scola”. In: *30Giorni: Edição em língua portuguesa*, n. 8, ago./set. 1987, p. 47.

¹⁵³ A. M. Cocagnac, “Chant de pénitence”. In: *Cantos*, op. cit., pp. 278-279.

¹⁵⁴ Cf. Mt 3,9.

¹⁵⁵ 1Cor 1,26-31.

¹⁵⁶ Tg 2,12-13.

» Cada um de nós tem uma identificação pessoal com o carisma, dá uma versão pessoal do carisma a que foi chamado e a que pertence. Inevitavelmente, quanto mais responsável a pessoa se torna, mais o carisma passa pelo seu temperamento, pela vocação irreduzível a qualquer outra que é a sua pessoa. A pessoa de cada um de nós tem a sua concretude: sua mentalidade, seu temperamento, as circunstâncias que vive e, sobretudo, a ação de sua liberdade.

Por isso, o carisma assume uma flexão diferente e aproximativa, dependendo da generosidade de cada um. A medida da aproximação é dada pela generosidade, na qual se baseiam a capacidade, o temperamento, o gosto, etc. (uma pessoa poderia fazer o que bem entendesse do carisma e da sua história: reduzi-lo, parcializá-lo, enfatizar alguns de seus aspectos em detrimento de outros, dobrá-lo a um gosto ou interesse seu, e até mesmo abandoná-lo, por negligência, teimosia, superficialidade).

O carisma amolda-se à generosidade de cada um. E é esta a lei da generosidade: dar a própria vida pela obra de um Outro. Cada um de nós, em cada gesto, em cada um de seus dias, em cada imaginação, em cada propósito, em cada ação, deve-se preocupar em comparar os seus critérios com a imagem do carisma tal como este surgiu nas origens da história que lhes é comum. A comparação com o carisma, tal como nos foi dado, tende a corrigir a singularidade da versão, da tradução, é uma correção e uma renovação constantes. Por conseguinte, essa comparação é a maior preocupação que devemos ter, em termos metodológicos, morais e pedagógicos.¹⁵⁷ Senão, o carisma transforma-se em pretexto e oportunidade para fazer apenas a própria vontade, dá cobertura e aval para o que queremos. Para limitar essa tentação, que é de cada um de nós, devemos fazer da comparação com o carisma um comportamento normal, quer como correção, quer como ideal continuamente renovado. Essa comparação deve-se tornar hábito, *habitus*, virtude. Esta é a nossa virtude: a comparação com a originalidade do carisma por meio do efêmero de que Deus se serve. Aqui, reaparece a importância do efêmero. Por ora, a comparação, em última instância, é com a pessoa com quem tudo começou. Ela pode desaparecer, mas os textos que deixa e a sucessão ininterrupta – se Deus quiser – de pessoas indicadas como ponto de referência, como interpretação verdadeira do que aconteceu, tornam-se instrumento para a correção e para a renovação; tornam-se instrumento para a moralidade. A linha dos pontos de referência indicados é a coisa mais viva do presente, pois um texto, por si só, pode até ser mal interpretado: é difícil que seja mal interpretado, mas pode acontecer.

Dar a vida pela obra de um Outro implica sempre uma relação entre a palavra “Outro” e algo histórico, concreto, tangível, sensível, descritível, fotografável, dotado de nome e sobrenome. Sem esse fator histórico, o que se impõe é o nosso orgulho, este, sim, efêmero, mas no pior sentido do termo.

Dar a vida pela obra de um Outro, não abstratamente, significa algo que tem uma referência precisa, histórica: para nós, significa que tudo o que fazemos, toda a nossa vida é para o incremento do carisma do qual nos é dado participar, que tem uma cronologia própria, uma fisionomia descritível, indica nomes e sobrenomes e, na origem, um nome e um sobrenome. Se dar a vida pela obra de um Outro não indica uma referência precisa, sua historicidade desaparece, seu caráter concreto se enfraquece: já não damos a vida pela obra de um Outro, mas pela nossa interpretação, pelos nossos gostos, pelo retorno que podemos ter ou para afirmar o nosso ponto de vista.

Falar de um carisma sem historicidade é falar de um carisma que não é católico.

¹⁵⁷ Cf. L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., pp. 329-333.